

VERBOS “SER” E “ESTAR”: CONTÍNUO PERMANENTE-TEMPORÁRIO E O ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

“SER” AND “ESTAR” VERBS: PERMANENT-TEMPORARY CONTINUUM AND PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TEACHING

Carmelita Minelio da Silva Amorim*

UFES

Renata Rocha Vieira de Mello**

UFES

Santinho Ferreira de Souza***

UFES

Resumo: Este trabalho tem, como objeto, proposta de organização de material didático pertinente aos verbos “ser” e “estar” para utilização no ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE). O objetivo é apresentar o contínuo [+permanente] – [+temporário], tendo como referência o contraponto entre o que preceituam as gramáticas normativas e os usos correntes da língua em contextos interacionais. O referencial teórico adotado é a Linguística Centrada no Uso, para a qual a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, simultaneamente, tanto de padrões mais ou menos regulares quanto de padrões em permanente emergência, regidos pelas necessidades cognitivas e/ou comunicativas (BYBEE, 2010). Assim, a gramática é concebida como um fenômeno sociocultural; sua estrutura e sua regularidade são originadas no discurso e moldadas em um processo contínuo; dominá-la significa não apenas dominar mecanismos de natureza morfossintáticos, mas também processos associados à organização textual e a fenômenos interacionais, que envolvem aspectos linguísticos e cognitivos. Também será utilizado o trabalho de Huback (2011) sobre esses verbos no ensino de PLE. A metodologia consiste em observar ocorrências de uso desses verbos em textos variados e organizá-las em um contínuo que espelhe as noções de permanência/temporalidade que as constituem.

Palavras-chave: Linguística Centrada no Uso. Português Língua Estrangeira. Verbos “ser” e “estar”. Material didático.

Abstract: The aim of this paper is to present a proposal of teaching-learning material of the “ser” and “estar” (“to be”) verbs for using with students of Portuguese as a Foreign Language (PFL). The objective is to present the [+ permanent] - [+ temporary] continuum, having as reference the counterpoint between

* Pós-Doutorado em Linguística (UFF). Professora efetiva no nível Adjunto II – Ufes. E-mail: carmel_msa@yahoo.com.br.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL-Ufes). E-mail: renata.rvmello@gmail.com.

*** Pós-Doutorado em Informática na Educação (PPGI/Ufes). Professor efetivo no nível Associado IV – Ufes. E-mail: santinhosouza@uol.com.br.

the prescription of normative grammars and the current uses of language in interactional contexts. The theoretical framework adopted is Use-Centered Linguistics, for which language is a complex adaptive system, a fluid structure, constituted, simultaneously, of more or less regular patterns and patterns in permanent emergence, governed by cognitive and/or communicative needs (BYBEE, 2010). Grammar is seen as a sociocultural phenomenon; its structure and its regularity are originated in the discourse and shaped in a continuous process; mastering it means not only mastering mechanisms of a morphosyntactic nature, but also processes associated with textual organization and interactional phenomena, which involve linguistic and cognitive aspects. Huback’s (2011) work on these verbs in the teaching of PFL will also be used. The methodology consists of observing occurrences of the use of these verbs in various texts and organizing them in a continuum that reflects the notions of permanence/temporality that constitute them.

Keywords: Usage-Based Linguistics. Portuguese as a Foreign Language. “Ser” and “estar” verbs. Teaching material.

INTRODUÇÃO

As reflexões contidas em trabalho monográfico de Vieira de Mello (2017) apontaram para a pertinência de organização de material didático com foco no uso dos verbos “ser” e “estar” em contexto de ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE), considerando-se resultados de observação do desempenho de estudantes cujas línguas maternas não se estruturam com o uso de dois verbos diferentes para exprimir as noções contidas em “ser” e “estar”. O mais das vezes, os estudantes apresentaram dificuldades na escolha e uso desses verbos em cursos de nível básico e nível intermediário, oferecidos pelo Núcleo de Línguas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Pode-se afirmar que houve falha no processo de ensino, que, na maioria das vezes, tem como referência única o exposto nos livros didáticos, que ordinariamente retomam exemplos descontextualizados e explicações superficiais e reduzidas sobre a matéria.

A inferência acima aludida se confirma em resultados de estudos realizados por Huback (2011). Num contexto de pesquisa que envolveu 18 (dezoito) estudantes estadunidenses e 18 (dezoito) nativos de língua portuguesa do Brasil, as dificuldades no uso dos verbos “ser” e “estar” foram analisadas e, na sequência, os resultados daí decorrentes foram comparados com as descrições e explicações contidas nos livros didáticos.

Alguns dos registros de dificuldade apontados por Huback (2011) ocorreram em usos em que se pergunta a localização de imóveis (casa, por exemplo), nos quais os próprios falantes nativos de Português Brasileiro (PB) utilizaram o verbo “estar” diferentemente do postulado nos livros didáticos. Outras dificuldades envolveram as sentenças com profissões e outras construções frásicas em que se perguntava onde era a aula de português.

O que ocorre é que os livros didáticos de PLE, quando apresentam explicações e exercícios descontextualizados, não contribuem tanto para que o aluno possua uma visão mais ampla acerca dos possíveis usos, já que atribuem, em muitos casos, o verbo *ser* a condições permanentes e o verbo *estar*, a condições temporárias, sem se admitirem casos não categóricos (HUBACK, 2011).

No caso do livro didático *Novo Avenida Brasil*, que vinha sendo utilizado no ensino de PLE no Núcleo de Línguas/Ufes, os usos de “ser” e “estar” são exemplificados por meio de

frases descontextualizadas sem uma explicação aprofundada: “Sou jornalista.”; “O senhor é americano?”; “Eu estou com fome.”; “Você está com sede.”, “Eu estou na escola, meu marido está na praia, com uma amiga.”, “Norma é brasileira. Ela está na França para estudar.”, “Ela é professora. Agora ela está na classe.”, entre outras (LIMA *et al.*, 2008).

Na monografia de Vieira de Mello (2017), foi reaplicado o teste realizado por Huback (2011) com alunos e ex-alunos cujas línguas maternas não distinguem, com uso de verbos diferentes, as noções de “ser” e “estar”. Em seguida, estabeleceram-se comparações entre as respostas obtidas em ambas as pesquisas.

Nesse compasso de busca de outro modo de fazer, este trabalho objetiva apresentar uma maneira de trabalhar as diferenças de usos desses verbos em cursos de PLE, consideradas um contínuo as noções de caráter permanente e temporário, com foco no uso efetivo da língua nos variados contextos interacionais. A proposta é a de uma abordagem contextualizada.

Para alcançar esse objetivo, adota-se, como base teórica, a Linguística Centrada no Uso (LCU), para a qual a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, que apresenta padrões tanto regulares quanto emergentes regidos por necessidades cognitivas e/ou comunicativas. Nessa perspectiva, a gramática da língua é concebida como um fenômeno sociocultural, sendo sua estrutura e sua regularidade originadas no discurso, moldadas em um processo contínuo. Assim, dominar a gramática de uma língua significa não apenas dominar mecanismos de natureza morfossintática, mas também processos associados à organização textual e a fenômenos cognitivos e interacionais.

Na sequência, têm-se os fundamentos teóricos que ancoram a realização do trabalho, o desenvolvimento do estudo (sua metodologia e discussão, apresentando parte da proposta didática) e as conclusões alcançadas em decorrência das análises anteriormente desenvolvidas, enquanto, nos anexos, são apresentados alguns dos textos selecionados para o trabalho em sala de aula.

Assim, este artigo está dividido nos seguintes itens: introdução; fundamentação teórica; descrição da metodologia adotada para a elaboração da proposta didática; contextualização do uso do livro didático *Novo Avenida Brasil 1* no curso de PLE do Núcleo de Línguas/Ufes; principais resultados obtidos por Vieira de Mello (2017); desenvolvimento da proposta didática; e considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Linguística Centrada no Uso (LCU) é o resultado da junção dos postulados de duas correntes teóricas da Linguística: o Funcionalismo Linguístico norte-americano e a Linguística Cognitiva. A primeira projetou-se, a partir da década de 1970, com o objetivo principal de analisar a língua sob o ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, estudando, ao mesmo tempo, a gramática e o discurso, vistos numa relação de simbiose. A Linguística Cognitiva, por sua vez, vê as construções linguísticas como esquemas cognitivos tais quais os outros tipos de esquemas advindos de percepções humanas acerca do mundo. O falante, segundo essa concepção, ao se comunicar, desenvolve esse esquema e aprende a usar a língua. Assim, a LCU concebe a língua como um sistema adaptativo complexo capaz de ser analisado com base em fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos, tendo sempre ocorrências reais como fonte de dados.

Na LCU,

parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. A gramática, para essa abordagem, tem uma forma, uma organização, em virtude de processos cognitivos gerais, tais como categorização e analogia, e em virtude da frequência de uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Essa abordagem reconhece como fundamental o estatuto das funções da língua na descrição de suas formas, de maneira que cada entidade linguística deve ser definida com relação ao seu uso efetivo na língua, ao papel desempenhado na comunicação.

Para Thompson e Hopper (2001), o sentido de um verbo ou predicado está relacionado diretamente aos esquemas léxico-gramaticais nos quais ele pode ocorrer, e a estrutura argumental (configuração em que o verbo é o centro e, à sua volta, encontram-se os argumentos) é, em essência, um subconjunto desses esquemas.

Nesse sentido, a frequência de uso de determinada construção, no caso em questão, construções com verbos “ser” e “estar”, conduz a seu estabelecimento no repertório linguístico do usuário da língua, tornando-a uma unidade de processamento a ele disponível.

Para Barlow e Kemmer (2000) e Bybee (2010, 2011) o principal pressuposto da LCU é o de que a estrutura da língua emerge de maneira proporcional ao uso, que, por sua vez, modela as práticas discursivas cotidianas. Dessa forma,

uma teoria linguística que pretenda descrever e explicar a gramática da língua com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais tem, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 15).

Barlow e Kemmer (2000) destacam a importância do contexto, uma vez que os padrões linguísticos e não linguísticos são processados e aprendidos de forma integrada. Segundo esses autores, as representações linguísticas estão ligadas aos eventos de uso de três maneiras:

Primeiro, as instâncias são a base a partir da qual o sistema linguístico do falante é constituído, isto é, o sistema é abstraído dos eventos de uso [...]. Segundo, a relação entre as representações abstratas na gramática do falante e os eventos de uso são mais diretas do que, geralmente, se supõe. O abstrato e o particular permanecem intimamente relacionados [...]. Os eventos de uso são necessariamente específicos por natureza, uma vez que, por exemplo, qualquer enunciado linguístico tem um conteúdo lexical. O sistema linguístico é construído a partir de tais instâncias lexicalmente específicas, gradualmente abstraindo-se para representações mais gerais, como fonemas, morfemas, e padrões sintáticos, a partir da repetição de instâncias semelhantes. Isso significa que quaisquer representações gerais que emergem da operação do sistema estão necessariamente ligadas, isto é, são ativadas em conjunto com instâncias específicas desses padrões. [...] unidades da língua

(de fonemas a construções) não são fixas e, sim, dinâmicas, sujeitas à extensão criativa e reformulação com o uso. [...] Produções linguísticas não são apenas produtos do sistema linguístico do falante, mas também fornecem *input* para os sistemas de outros falantes (bem como, por reflexo, para o próprio do falante), não apenas na aquisição inicial, mas no uso da língua ao longo da vida (BARLOW; KEMMER, 2000, p. 2, tradução nossa).¹

No que se refere às categorias analíticas abarcadas pela LCU, destacam-se, para esta pesquisa, a categorização e a prototipicidade. Segundo Bybee (2010), a categorização é o mais básico dos processos cognitivos de domínio geral e diz respeito a categorias perceptuais de diversos tipos que se originam a partir da experiência humana, independentemente da língua. No âmbito linguístico, a categorização refere-se à semelhança ou identidade que ocorre quando palavras e sintagmas e suas partes correspondentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas. Assim, as construções de conceitos e sentidos estão diretamente relacionadas às experiências do ser humano no seu ambiente biofísico e sociocultural. Desse modo, no que diz respeito aos verbos em foco nesta pesquisa, pode-se dizer que o modo como os estudantes/falantes de PLE percebem ou não as diferenças de sentido existentes nos usos dessas formas tem relação direta com suas experiências em suas línguas maternas.

A essa categorização, associa-se a noção de *protótipo*, uma vez que cada categoria é conceitualizada a partir do representante que reúne os traços recorrentes dos que compõem determinada categoria. Assim, a classificação ocorre por meio do elemento que exemplifica o protótipo e os demais elementos são classificados considerando as características mais, ou menos, próximas desse exemplar. No que se refere aos verbos “ser” e “estar”, pode-se afirmar que o uso prototípico de cada um veicula os sentidos [+ Permanente] e [+ Temporário], respectivamente. Os usos que se distanciam dessas noções prototípicas podem ser vistos categorizados em termos de gradiência. O esquema a seguir representa essa perspectiva.

Esquema 1: Gradiência [+ Permanente] – [+ Temporário]



Fonte: Elaboração própria.

No plano metodológico da LCU, portanto, são as situações e os contextos comunicativos concretos que fornecem os objetos de análise, trabalhando-se com e em contextos efetivos

¹“First, such instances are the basis on which a speaker’s linguistic system is formed, i.e. they are experience from which the system itself is initially abstracted [...]. Second, the relation between the more abstract representations in the speaker’s grammar and the usage events experienced by the speaker is much more direct than usually assumed. The abstract and the particular remain tightly linked [...]. Usage events are necessarily specific in nature, in that, for example, any given linguistic utterance has lexical content. The linguistic system is built up from such lexically specific instances, only gradually abstracting more general representations, such as phonemes, morphemes, and syntactic patterns, from the repetition of similar instances of use. This means that any general representations that emerge from the operation of the system necessarily are tied to, i.e. activated in concert with, specific instances of those patterns. [...] units of language (from phonemes to constructions) are not fixed but dynamic, subject to creative extension and reshaping with use. [...] Language productions are not only products of the speaker’s linguistic system, but they also provide input for other speakers’ systems (as well as, reflexively, for the speaker’s own), not just in initial acquisition but in language use throughout life.” (BARLOW; KEMMER, 2000, p. 2).

de comunicação, “evitando lidar com frases criadas *ad hoc*, dissociadas de sua função no ato comunicativo” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 16).

Como contribuição também dentro da abordagem teórica, outro ponto são as reflexões contidas no artigo “A Aquisição de ser e estar no ensino de Português como Língua Estrangeira”, de Huback (2011). O artigo traz, a partir da teoria da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987) e do Modelo de Exemplos (BYBEE, 2010), uma análise do ensino e da assimilação desses verbos por estudantes de português como língua não materna. Por meio de um questionário, realizaram-se experimentos com esses estudantes e com falantes nativos do português.

Para Langacker (1987), não se pode separar o conhecimento linguístico dos demais conhecimentos, uma vez que o processamento se dá da mesma forma. A Linguística Cognitiva postula que o sentido é o aspecto mais importante para o conhecimento linguístico, sendo a gramática a organização individual do conhecimento linguístico. Sendo assim, regras dicotômicas nas definições de categorias linguísticas não se sustentam, sendo necessário se pensar em um *continuum* de traços para categorias gradientes.

Dessa forma, é questionado o modo categórico e normativo a partir do qual os materiais didáticos de português como língua estrangeira, apesar da maior demanda dos últimos tempos na área, ainda ensinam verbos como “ser” e “estar”, sem que haja registros informais e dialetais do PB ou menção ao uso da língua em situações concretas de comunicação (HUBACK, 2011, p. 91). Além disso, a autora faz uma proposta de abordagens que considerem um *continuum* de traços para categorias gradientes.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Observando-se dificuldades também nos alunos de PLE do Núcleo de Línguas/Ufes no uso e diferenciação dos mesmos verbos, decidiu-se planejar um material didático destinado a estudantes de PLE em cujas línguas maternas seja utilizado um único verbo com os sentidos de “ser” e “estar”, e que poderá ser aplicado como plano de intervenção.

Para isso, a metodologia consiste na observação de ocorrências de uso dos verbos “ser” e “estar” em textos de variados gêneros, seleção desses materiais e elaboração de perguntas para a discussão, em sala de aula e em grupos, sobre os textos apresentados. O trabalho prossegue com a organização qualificada dessas ocorrências, feita pelos grupos de alunos, em um *continuum* de permanente e temporário, de acordo com suas compreensões acerca do sentido dos textos, a fim de se espelharem com mais clareza essas noções.

Em seguida, apresentam-se a comparação de resultados entre os grupos, a síntese de conceitos em conjunto e a avaliação dos resultados ao longo do curso e do contato com os alunos.

Assim, a proposta didática tem como foco também servir como uma forma de expansão do repertório linguístico do estudante, partindo do que é considerado uso prototípico dos verbos “ser” e “estar” e alcançando o que é considerado não prototípico.

O LIVRO DIDÁTICO *NOVO AVENIDA BRASIL 1*

No curso de Português para Estrangeiros do Núcleo de Línguas/Ufes, foi adotada a coleção de livros didáticos *Novo Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros*, de Lima *et al.* (2008).

Os verbos “ser” e “estar” são trabalhados no primeiro livro da coleção, intitulado *Novo Avenida Brasil 1*, utilizado nos níveis iniciais do curso.

O verbo “ser” é apresentado logo nas páginas iniciais da Lição 1 do livro (“Conhecer pessoas”), em diálogos simples de apresentação pessoal (com perguntas sobre nome, nacionalidade, profissão, etc) e, na página 3, em uma atividade intitulada “Verbo irregular ser”, que contém um quadro de conjugação verbal para os pronomes “Eu”, “Você/Ele/Ela”, “Nós” e “Vocês/Eles/Elas”. Faz-se uma consideração acerca do uso do pronome “tu” e do “vós”. Segundo os autores, o “tu” é usado em Portugal e em algumas regiões do Brasil, e o “vós” não é usado em português moderno (LIMA *et al.*, 2008, p. 3).

Após o quadro de conjugações, há um exercício com oito perguntas, por exemplo, “O que eles são? (estudantes)”, para as quais o aluno deve responder escrevendo uma frase com o que está indicado entre parênteses; que seria, neste caso, “Eles são estudantes”.

O verbo “estar” é apresentado somente na Lição 3 do livro, cujo título é “Comer e beber”. Nas primeiras páginas da lição, apresentam-se alguns diálogos curtos que empregam os verbos a serem estudados no capítulo, sendo um deles o verbo “estar”. Esse verbo é apresentado na página 19 de maneira similar ao verbo “ser”, e há duas atividades. A primeira delas contém o enunciado “Faça frases”, seguido de um quadro com três colunas: na primeira, há os pronomes pessoais (“Eu”, “Você”, “Ele”, “Ela”, “Nós”, “Vocês”, “Eles”, “Elas”) a serem utilizados; na segunda, somente o infinitivo do verbo a ser conjugado; e, na terceira coluna, complementos como “na escola”, “em Londres”, “livre hoje à noite” e “com fome”. Existe também um desenho com dois jacarés e a frase “Nós estamos com fome” em um balão de fala de um dos animais. A atividade subsequente apresenta um balão de fala com o título “Minha família não está em casa”, cujo texto possui lacunas a serem completadas com o verbo “estar” e suas variações.

Os dois verbos são apresentados de maneira conjunta na seção “Ser ou estar”, na página 20, ainda na Lição 3. Há um quadrinho com um desenho de um personagem dizendo “Ela é professora. Agora ela está na classe”, ao lado de um desenho de uma personagem professora ao lado dando aulas em sala de aula.

O exercício, então, pede para que o aluno faça frases – aparentemente, oralmente – seguindo o exemplo “Norma é brasileira. Ela está na França para estudar”. Para auxiliar, há dois quadros: um com nomes de pessoas e pronomes pessoais ao lado de diversas nacionalidades e, outro, com complementos de lugar e justificativas (“para visitar amigos”/ “para trabalhar”, etc).

Na seção de exercícios complementares do livro, constam variações das atividades apresentadas na seção principal do livro.

O ESTUDO DE VIEIRA DE MELLO (2017)

Na pesquisa de Vieira de Mello (2017), oito alunos e ex-alunos de 22 a 42 anos de idade e de nacionalidades heterogêneas (duas alemãs, uma austríaca, três holandeses, uma sérvia e uma

norte-americana) foram convidados a participar da pesquisa presencialmente ou via e-mail. Os alunos e ex-alunos que responderam ao questionário presencialmente o fizeram após uma breve revisão, feita com a ajuda da professora, sobre o sentido desses dois verbos segundo os livros didáticos, e uma explanação sobre o questionário. Já aos alunos e ex-alunos que responderam via e-mail foram concedidas uma breve revisão por escrito sobre os verbos e uma explicação semelhante sobre o questionário. Em ambos os casos, a autora se disponibilizou para responder possíveis dúvidas e dar esclarecimentos.

Os quadros e tabelas a seguir são apresentados para melhor visualização dos resultados do questionário obtidos por Vieira de Mello (2017) e para comparações com os mostrados por Huback (2011).

A Questão A do questionário continha seis pares de frases com a questão se, entre os pares de frases subsequentes, haveria diferença no uso dos verbos “ser” e “estar”. Em caso afirmativo, os entrevistados deveriam descrevê-la. O quadro 1 apresenta os pares de frases e o total de diferenciações feitas em cada item.

Quadro 1: Sentenças da questão A e resultados de cada par.

Número do Par	Sentenças	Total de diferenciações feitas
I	1. O presidente é muito otimista em relação ao futuro. 2. O presidente está muito otimista em relação ao futuro.	8 (100%)
II	3. A menina é exausta. 4. A menina está exausta.	8 (100%)
III	5. O café é quente. 6. O café está quente.	8 (100%)
IV	7. O café é pronto. 8. O café está pronto.	7 (87,5%)
V	9. O computador está lento. 10. O computador é lento.	8 (100%)
VI	11. Bruna é casada. 12. Bruna está casada.	5 (62,5%)

Fonte: Vieira de Mello (2017, p. 17)

No primeiro e no segundo pares de frases, todos observaram diferenças de sentido, relacionando o conceito de permanência à frase com o verbo “ser” e o de temporariedade à sentença com o verbo “estar”. Muitos criaram um contexto mais específico com motivações, por exemplo, para o otimismo do presidente do par I – negociações com outro país, por exemplo. Um aluno holandês relativizou os conceitos de permanente e temporário em relação à postura do presidente, trazendo, respectivamente, as noções de longo prazo (relacionado à frase com o verbo “ser”) e curto prazo (relacionado à frase com o verbo “estar”).

No par III, todos os entrevistados encontraram diferenças de sentido. Entretanto, em um dos casos, levando em conta a distinção categórica “permanente x temporário”, feita nos

livros didáticos, uma aluna sérvia considerou errada a frase “O café é quente”, já que o café não é algo permanentemente quente, que não se possa esfriar, como seria uma “lava vulcânica”.

O par IV foi um dos mais controversos nas interpretações. Para explicar o sentido da frase 7, uma aluna austríaca escreveu que “[o estabelecimento] sempre tem um café pronto para pegar (café velho)”; já em relação à frase 8, exemplificou a seguinte situação “O seu café está pronto, novo”. Um outro aluno holandês, explicando a frase 7, escreveu: “em um supermercado, o café é pronto para levar para casa”; explicando a frase com “estar”, afirmou que “o café ainda não está muito quente; está pronto para beber”. Houve somente um caso de não diferenciação, porém a falta de contexto dificultou a própria explicação semântica da sentença com o verbo “ser”, uma frase de uso provavelmente incomum. Em dois casos, essa frase foi considerada incorreta.

No quinto par de sentenças, a maioria conseguiu diferenciar os usos: na frase com o verbo “estar”, a lentidão seria por algum motivo imediato; na frase com o verbo “ser”, a lentidão seria intrínseca à máquina, por conta do fabricante, por exemplo. Entretanto, uma aluna alemã indicou que é “errada” a frase com o verbo “ser”, sem, no entanto, entrar em detalhes.

O par VI conteve, hipoteticamente, a diferenciação mais sutil, pois somente em contextos específicos utilizam-se frases como a 12 – por exemplo, quando duas pessoas, que antes eram solteiras, não se veem há um certo tempo e, no reencontro, uma delas revela que agora está casada. Partindo do pressuposto de que casamento é algo permanente, duas entrevistadas questionaram a possibilidade de existência da frase com o verbo “estar”. Relativizando o tempo, três admitiram a frase com o verbo “ser” como se retratasse uma característica que existe há mais tempo. Um dos alunos holandeses e uma aluna americana afirmaram que as duas frases possuem o mesmo sentido, sendo que a americana alegou que não sabia exatamente o que significaria a frase 12. Foram, portanto, cinco diferenciações feitas, considerando os questionamentos sobre a existência da frase 12 como diferenciações.

Tabela 1: Comparação das respostas com as de Huback (2011) para a primeira questão.

Pares de sentenças	Diferenciações não feitas	
	Huback (2011)	Vieira de Mello (2017)
O presidente é/está muito otimista em relação ao futuro.	17%	0%
O café é/está quente.	17%	0%
Bruna é/está casada.	22%	37,50%

Fonte: dados de Vieira de Mello (2017) e de Huback (2011)

Junto com outras frases formuladas, as sentenças citadas no experimento de Huback (2011) foram também incluídas ou adaptadas no experimento da pesquisa de Vieira de Mello (2017). Porém, diferentemente dos resultados mostrados em Huback (2011), todos os nossos não-nativos entrevistados apontaram diferenças entre as sentenças dos pares “O presidente é/está otimista” e “O café é/está quente”. Já no par “Bruna é/está casada”, 37,5% dos nossos entrevistados admitiram que as duas sentenças possuem o mesmo sentido ou não souberam explicar a diferença, enquanto a não diferenciação ocorreu em 22% dos entrevistados de Huback (2011).

O que se pode observar, então, é que, em ambas as pesquisas, apenas uma minoria não viu diferença de sentido entre os pares de frases. No caso dos alunos e ex-alunos do Núcleo de Línguas/Ufes, quanto ao par “Bruna é/está casada”, houve menos diferenciações do que o mostrado em Huback (2011), gerando comentários para além da diferenciação, com opiniões sobre a possibilidade de existência do item com o verbo “estar”.

Considerando o contínuo de prototipicidade, e os resultados obtidos na pesquisa com os estudantes, as frases apresentadas no quadro 1 podem ser representadas do modo a seguir.

Esquema 2: Possível organização de frases do Quadro 1 no contínuo [+ Permanente] – [+ Temporário]

+ PERMANENTE			+TEMPORÁRIO		
1			2		
3				4	5
			6		
	7				8
10				9	
		11	12		

Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados de Vieira de Mello (2017)

A Questão B constituiu-se de um exercício para completar 12 frases com o verbo “ser” ou “estar” (e suas variações). O quadro a seguir mostra os itens dessa questão, as respostas esperadas – segundo o que sugerem os livros didáticos de PLE –, e o total de respostas adequadas obtidas:

Quadro 2: Itens e resultados da Questão B

Itens da questão B	Respostas esperadas	Total de respostas “adequadas” ao item
1. Onde ___ sua casa?	É	3 (37,5%)
2. Aqui _____ minha redação.	ESTÁ	6 (75%)
3. Luana _____ professora há 3 anos.	É	8 (100%)
4. Luan ___ o rapaz mais bonito da sala.	É	7 (87,5%)
5. Hoje o dia _____ frio.	ESTÁ	8 (100%)
6. Em junho, ___ inverno no Brasil.	É	6 (75%)
7. Júlia _____ holandesa.	É	8 (100%)
8. Bruno _____ baixo.	É	7 (87,5%)
9. Maria e Alberto _____ primos.	SÃO	7 (87,5%)
10. Roberto ___ aluno da universidade.	É	8 (100%)
11. Onde ___ a aula de português?	É	1 (12,5%)
12. Hoje ___ muito frio aqui na Alemanha.	ESTÁ	8 (100%)

Fonte: Vieira de Mello (2017, p. 22-23)

Os resultados mostraram que, na construção considerada por Huback (2011, p. 103) como prototípica, por apresentar a característica imutável em referência à nacionalidade (item 7), e em frases mais comuns no dia a dia (itens 3 e 10), os participantes obtiveram um bom desempenho em relação ao que se espera de resposta em livros didáticos.

Enquanto isso, itens que traziam, em suas construções, características físicas (nos itens 4 e 8) também resultaram em bons desempenhos, com sete acertos cada um. Outro item com esse resultado foi o que apresentava um grau de parentesco, como o item 9. Todas essas sentenças trazem construções com o verbo “ser” que possuem alto “grau de permanência”, mas não tanto quanto uma sentença prototípica como “Carla é brasileira” (HUBACK, 2011, p. 103). Talvez isso explique a não unanimidade nas respostas na opção pelo verbo “ser”.

As construções que eram compostas por lugares fixos (itens 1 e 11) possuíram um número elevado de respostas com o verbo “estar”, ou seja, diferentes do que seria esperado, já que, para construções com sentido de maior permanência, o adequado, segundo os livros, seria utilizar o verbo “ser”. Porém, há de se considerar que, na sentença 11, há uma construção que traz um aspecto não muito permanente, pois se pode mudar o local em que aulas ocorrem. Talvez tenha sido esse o pensamento motivador para as respostas de sete dos oito entrevistados. Na realidade, nem mesmo entre os nativos de Português, sobretudo em relação à sentença 1, as opções seriam unânimes, como Huback (2011) mostrou.

A tabela a seguir apresenta a comparação dos dados referentes à segunda questão do teste – a de escolher o verbo “ser” ou “estar” para completar as frases.

Tabela 2: Comparação das respostas com as de Huback (2011) para a segunda questão

Pares de sentenças	Uso de verbo “inadequado”	
	Huback (2011)	Vieira de Mello (2017)
Onde ___ sua casa?	22%	62,5%
Luana _____ professora há 3 anos.	17%	0%
Hoje o dia _____ frio.	5%	0%
Em junho, ___ inverno no Brasil.	5%	25%
Aqui _____ minha redação.	11%	25%
Luan _____ o rapaz mais bonito da sala.	11%	12,5%

Fonte: dados de Vieira de Mello (2017) e de Huback (2011)

Os resultados de Huback (2011) apontaram para um significativo percentual (44%) de escolhas pelo verbo “estar” por parte de falantes nativos de PB em “Onde ___ sua casa?”, sendo que os livros didáticos apontariam para a escolha do verbo “ser” como sendo a correta, pois “os livros esclarecem que, para coisas que podem mudar de lugar, como animais e objetos, deve-se usar o verbo ESTAR; no entanto, para edifícios, ruas, cidades, isto é, coisas que não mudam de lugar, o verbo é “ser” (HUBACK, 2011, p. 101). Essa porcentagem alta de escolhas pelo verbo “estar”, vindas de falantes nativos, pode indicar que há uma possível variação linguística em processo, apesar do fato de os livros didáticos informarem como sendo o usual. Esses livros, muitas vezes, são utilizados como única referência pelos não-nativos, segundo a pesquisa de Huback (2011), dos quais 22% optaram pelo verbo “ser”, conforme indicado nos livros.

Embora tenham envolvido apenas falantes não-nativos, os resultados de Vieira de Mello (2017) para esse item também reforçam a hipótese da existência de uma variação linguística: para completar a frase “Onde ___ sua casa?”, 5 entrevistados (62,5%) utilizaram verbo “estar”. O que ocorre é que os falantes dessa pesquisa vivem ou viveram em imersão na Língua Portuguesa, e a utilizam ou a utilizaram, como segunda língua, no dia a dia com nativos, o que os torna mais sensíveis a possíveis variações linguísticas como essa. O livro didático, nesse caso, não é a única referência desses estudantes, o que pode explicar o uso feito pelos não-nativos da pesquisa de Huback (2011).

A outra frase mais problemática para os não-nativos da pesquisa de Huback (2011) foi a que envolvia profissão, em uma frase como “Luana ___ professora há 3 anos”. Nesse item, 17% dos falantes não-nativos escolheram o verbo “estar”. A imersão dos nossos entrevistados novamente favoreceu a escolha pela opção mais usual no PB. Todos optaram pelo verbo “ser” na frase, provavelmente por se tratar de um tipo de frase muito utilizado no cotidiano e, sobretudo, no início dos nossos cursos de português como segunda língua.²

Por último, em sentenças como “Aqui ___ minha redação” e “Roberto ___ o rapaz mais bonito da sala”, 11% dos não-nativos entrevistados por Huback (2011) optaram pelo verbo inadequado. Nos nossos resultados para a primeira sentença, 25% das escolhas foram pelo verbo inadequado e, para a segunda, 12,5% escolheram o verbo inadequado. Enquanto Huback (2011, p. 102) afirma que a frase “Aqui está minha redação” é usual entre seus alunos durante comunicações via e-mail, boa parte dos estrangeiros entrevistados na presente pesquisa desconhecia, a princípio, o termo “redação” e seu significado, o que pode ter influenciado nos resultados. Em “Roberto é/está o rapaz mais bonito da sala”, a autora afirma que os dois verbos parecem adequados, por isso a opção pelo verbo “estar” inclusive entre os falantes nativos de PB – o que pode também ter influenciado alguns resultados desta pesquisa.

Algumas conclusões podem ser feitas a partir das informações e análises expostas no decorrer deste artigo. Em primeiro lugar, os resultados desta pesquisa reforçaram a hipótese de que o contexto linguístico e o uso concreto da língua – aspectos tão caros à metodologia de trabalho da LCU – são também fundamentais para o aprendizado dos alunos de PLE. Em muitos casos, para suprir a necessidade de contexto, os entrevistados escreveram situações em que se poderia utilizar determinada frase. Enquanto isso, sentenças de uso relativamente raro simplesmente não fizeram sentido para os estudantes de PLE, e as de uso mais comum do dia a dia foram explicadas e completadas por eles, apesar do que os livros categoricamente expõem. Esses resultados remontam à teoria da LCU, quando relaciona a frequência de uso ao estabelecimento de construções no repertório do falante.

Pôde-se perceber, de maneira geral, em ambas as pesquisas, que os resultados obtidos junto aos alunos e ex-alunos do Núcleo de Línguas/Ufes e os mostrados por Huback (2011) foram semelhantes, mas os alunos e ex-alunos do NL tiveram resultado um pouco mais satisfatório no ponto de vista do uso linguístico real. Um fator que poderia explicar esse resultado é o da imersão, tendo em vista que, à época, os alunos viviam ou haviam vivido no Brasil.

² Para explicar a opção, a autora afirma que a profissão de alguém pode ser considerada algo temporário; no entanto, de alguma maneira entendemos a profissão como um atributo definidor da personalidade de um indivíduo, talvez por isso utilizemos o verbo SER, mesmo sabendo que uma profissão pode mudar. Os falantes não-nativos, guiados pela regra geral de uso dos verbos SER e ESTAR, não captaram essa distinção (HUBACK, 2011, p. 101).

De qualquer forma, os livros didáticos de PLE, quando apresentam explicações e frases fora de contexto, como as do experimento, bem como explicações categóricas sobre o exclusivo caráter permanente associado ao verbo “ser” e o temporário, ao verbo “estar”, pouco contribuem para que o aluno amplie sua visão acerca da diversidade dos possíveis usos. A complementação de materiais didáticos a ser feita pelo professor, sobretudo em casos em que não há a imersão do estudante na língua-alvo, é, portanto, de extrema importância. A seguir, faremos uma breve explanação de proposta de organização de material didático de ensino-aprendizagem dos verbos “ser” e “estar” no contexto explorado por Vieira de Mello (2017) e Huback (2011).

DESENVOLVIMENTO: A PROPOSTA DIDÁTICA

Após as reflexões acerca do ensino dos verbos “ser” e “estar”, apresenta-se uma proposta didática que visa aumentar o repertório linguístico em língua portuguesa do estudante, em um trabalho nos níveis iniciais com gêneros textuais preferencialmente curtos e perguntas de interpretação. Os textos – que podem ser, por exemplo, manchetes, capas de DVD, reportagens, etc. – contêm o uso dos verbos “ser” e “estar” de uma maneira contextualizada. O ideal é que ocorrências mais prototípicas sejam trabalhadas antes de ocorrências de uso mais específicas. A figura 1 contém um exemplo de reportagem que pode ser trabalhada com os alunos de PLE e em que há um uso não prototípico do verbo “estar”. Em seguida, será apresentado um exemplo de atividade possível a partir dessa figura.

Figura 1: Exemplo de texto a ser utilizado na proposta didática.

Após especulações, Adele confirma seu estado civil: ela está casada!

GABRIEL JUSTO
05/03/2017
18:52

Desde 2012, sabemos que Adele mantém um relacionamento com empresário do terceiro setor Simon Konecki, que também é pai do seu filho, Angelo. No último Natal, circularam boatos de que os dois haviam se casado em segredo em Los Angeles mas, até agora, não havia nenhuma confirmação.

Por isso mesmo, todo mundo ficou com uma carinha de “ué” quando ela agradeceu ao seu “marido” ao ganhar o Grammy de Melhor Álbum do ano por “25”.

Mas na noite deste sábado (4), durante um show em Brisbane, na Austrália, Adele finalmente confirmou que está casadíssima da silva. A declaração veio enquanto a cantora falava sobre o seu superhit, “Someone Like You”.

“Eu estava tentando lembrar como eu me senti no começo do relacionamento que inspirou essa música porque, por pior que seja um término, a sensação de se apaixonar por alguém é o melhor sentimento da terra. Obviamente que eu não posso sentir isso de novo porque estou casada agora. Achei minha cara-metade.”

Então, rolou casamentinho secreto mesmo, né Adele? hahahah
Toda felicidade do mundo pra você e para o boyl <3

Fonte: Justo (2017) em reportagem do veículo Papelpop³

³Disponível em: <https://www.papelpop.com/2017/03/apos-especulacoes-adele-confirma-seu-estado-civil-ela-esta-casada/>. Acesso em: 19 jul. 2019.

Após a distribuição aos alunos de cópias impressas da reportagem contida na figura 1, propõe-se uma discussão, em grupos, a partir de questões como: “Qual é o assunto do texto?”, “Em que local o texto foi publicado?”, “Qual seria o objetivo do texto?”, “O texto é mais formal ou traz marcas de informalidade? Cite exemplos. Na sua opinião, o que motiva essa opção do autor?”, “O que seria a ‘carinha de ‘ué’ que as pessoas tiveram após os agradecimentos de Adele?”, “Você saberia explicar a expressão ‘casadíssima da silva’? E a expressão ‘cara-metade’?”, “Qual o impacto causado pelo uso da palavra ‘casamentinho secreto’ ao invés de ‘casamento secreto’?”, “Na sua opinião, por que motivos, na manchete, há o uso do verbo ‘estar’ e não o uso do verbo ‘ser’?”. Em seguida, discute-se acerca dos costumes dos países dos alunos em relação ao casamento: tradições, durabilidade/permanência, etc.

Após a análise e a discussão dos textos e seus temas (cuja quantidade deve ser definida pelo professor de acordo com o tempo disponível, dificuldade dos estudantes, etc.), os alunos, ainda em grupos, prosseguem em uma organização dos textos em uma “linha” (desenhada ou reproduzida em pedaços de barbante) para expressar a noção de *continuum* permanente/temporário. Em um extremo da linha, coloca-se a expressão [+ Permanente] e, na outra extremidade, [+ Temporário].

Em seguida, o professor solicita aos grupos que comparem os resultados da atividade entre si. Ao final da atividade, os alunos montam, em conjunto, a linha resultante das conclusões a que eles chegaram, e escolhem um local da sala para expor o trabalho, para futuras consultas.

A partir das discussões propostas neste artigo, no item a seguir apresentam-se as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto linguístico e o uso concreto da língua – aspectos tão caros à metodologia de trabalho da LCU – são também fundamentais para o aprendizado dos alunos de PLE. Os livros didáticos de PLE, quando apresentam explicações e exercícios descontextualizados, não contribuem para que o aluno desenvolva uma visão mais ampla acerca dos possíveis usos. Huback (2011), em sua pesquisa, posiciona-se contra a distinção categórica de alguns livros didáticos de PLE que limitam o trabalho com os verbos “ser” e “estar” à noção de permanência e temporalidade, respectivamente.

Nesse sentido, a complementação de materiais didáticos a ser feita pelo professor é de extrema importância para o ensino e para o aumento do repertório linguístico do estudante.

Dessa forma, por meio da proposta didática, espera-se o alcance de um processo de ensino-aprendizagem que seja contextualizado e que considere, por meio do diálogo e da construção de conhecimento em conjunto, a realidade linguística de uso e o tratamento desses elementos de modo gradiente, relativizando os conceitos de permanência e temporalidade, a fim de favorecer melhor compreensão e uso dos verbos “ser” e “estar” por parte dos alunos, sobretudo daqueles que apresentam maiores dificuldades na opção e uso desses verbos.

REFERÊNCIAS

BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.). **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas. *In*: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

HUBACK, A. P. A aquisição de ser e estar no ensino de português como língua estrangeira. **Revista do GEL**, Araraquara, v. 8, p. 91-107, 2011.

JUSTO, G. Após especulações, Adele confirma seu estado civil: ela está casada!. **Papelpop**, 2017. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2017/03/apos-especulacoes-adele-confirma-seu-estado-civil-ela-esta-casada/>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LANGACKER, M. **Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LIMA, E. E. *et al.* **Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros**. São Paulo: E.P.U., 2008.

VIEIRA DE MELLO, R. R. **O uso dos verbos ser e estar por alunos e ex-alunos de curso de Português para Estrangeiros**. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras Português, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

Recebido em: jun. 2020.

Aceito em: nov. 2020.